

## DO PÓS-ESTRUTURALISMO À TEORIA QUEER: O ENTRECRUZAR TEÓRICO DE JUDITH BUTLER E PAUL PRECIADO

Juliana Miranda<sup>38</sup>

*Resumo:* O paper aqui apresentado constrói-se a partir de uma metodologia bibliográfica de abordagem qualitativa, cujo percurso se faz a partir das produções da filósofa estadunidense Judith Butler e do filósofo espanhol Paul Preciado, ambos entendidos como pós-estruturalista, com o objetivo de compreender o modo como as discussões promovidas por Butler reverberam nos debates de interesse de Preciado. O trajeto previsto para o desenvolvimento deste estudo se faz por meio da análise bibliográfica de Butler, considerando os seus respectivos contextos; investigações de diversas naturezas em referenciais teóricos que embasaram os estudos de Butler. Como consonância, acompanharemos também a trajetória teórica do filósofo espanhol Paul Preciado que, a partir das concepções de Butler, experimenta tanto uma crítica quanto uma escrita teórica que transitam por caminhos insurgentes.

*Palavras-chave:* Pós-estruturalismo; Teoria queer; Judith Butler; Paul Preciado.

No século XIX, o linguista suíço Ferdinand Saussure, ao criar um novo objeto de estudo para a linguística – a *langue* –, sistematizar a língua a partir das análises sincrônicas e diacrônicas e teorizar acerca da arbitrariedade dos signos, revolucionou o

---

<sup>38</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Washington Drumond. Endereço eletrônico: julianasanmi@gmail.com.

modo de pensar a linguística, sendo, inclusive, considerado o pai da linguística moderna. Através do seu Curso de Linguística Geral, livro escrito postumamente e publicado em 1916 por seus alunos, a partir de um curso ministrado na Universidade de Genebra durante os anos de 1906 a 1911, Saussure estabeleceu que na língua só há diferenças, logo, as relações que definem o sistema linguístico formam uma hierarquia que estão relacionadas entre si e mantêm relações com o todo que o engendram (FIORIN, 2013, p. 8). Ao sistematizar o estudo da língua e possibilitar a compreensão das relações que se fazem dentro dela, Saussure inaugurou, mesmo sem saber, o estruturalismo.

O pensamento estruturalista em pouco tempo se alastrou para além da linguística, alcançando e enriquecendo outras áreas do conhecimento das ciências humanas. O filósofo e antropólogo Levi-Strauss, por exemplo, escreve em seu livro Antropologia estrutural, mais especificamente no capítulo Linguística e antropologia, que Saussure permitiu aos estudos linguísticos uma metodologia rígida a qual garantiu a ela um relevante status dentro das ciências humanas. O antropólogo ainda completa que, neste percurso, a linguística contribuiu grandemente para o desenvolvimento da antropologia, uma vez que a partir da sua metodologia sistemática elucidou a antropologia para o estudo das estruturas culturais. Diz o filósofo:

Gostaria, assim, de dizer aos linguistas o quanto eu aprendi com eles. E não apenas durante nossas sessões plenárias, mas talvez até mais ao assistir aos seminários linguísticos que ocorriam paralelamente, nos quais pude avaliar o grau de precisão, minúcia e rigor que os linguistas atingiram em estudos que continuam pertencendo às ciências do homem, tanto quanto à própria antropologia. (LEVI-STRAUSS, 2008, pp. 81-82)

Deleuze, por sua vez, ao investigar o cerne do estruturalismo a fim de tentar conceituar o estruturalismo,

escreve o artigo *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* no qual elenca alguns critérios em que a ideia de estruturalismo vai se organizando, reconhecendo ser o estruturalismo um pensamento não homogêneo. Tais critérios vão se apresentando conforme Deleuze recorre a teóricos estruturalistas, por meio de fraturas conceituais, para observar a aplicação do estruturalismo como uma episteme inserida em seus estudos. O principal critério destacado é o *simbólico*, que ele define como sendo “o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino” (DELEUZE, 1972, p. 240). Embora em seu caráter o simbólico se diferencie do imaginário, as relações entre o real e o imaginário podem ser compreendidas como um processo que se constitui a partir do simbólico. Para Deleuze, “a estrutura se encarna nas realidades e nas imagens segundo séries determináveis; mais ainda, elas as constitui (sic) encarnando-se, mas não deriva delas, sendo mais profunda que elas, subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação.” (DELEUZE, 1972, p. 241).

Esse critério chama atenção, pois Deleuze emprega a ele um valor interpretativo, o que é associado diretamente ao *modus operandi* do estruturalismo. Desse modo, de acordo com o filósofo:

Ora o estruturalismo é agressivo: quando denuncia o desconhecimento geral desta última categoria simbólica, para além do imaginário e do real. Ora ele é interpretativo: quando renova nossa interpretação das obras a partir dessa categoria, e pretende descobrir um ponto original onde se faz a linguagem, elaboram-se as obras, unem-se as ideias e as ações. Romantismo, simbolismo, mas também freudismo, marxismo, tornam-se, assim, o objeto de reinterpretções profundas. Mais ainda: é a obra mítica, a obra poética, a obra filosófica, as próprias obras práticas que estão sujeitas à interpretação estrutural. Mas esta reinterpretção só vale à medida que reanima obras novas que são as de hoje, como se o simbólico fosse uma fonte,

inseparavelmente, de interpretação e de criações vivas.  
(DELEUZE, 1972, p. 242)

A essa altura, cabe salientar que a discussão promovida por Deleuze acerca do critério simbólico é extremamente complexa, e esse critério irá nortear os demais critérios apresentados ao longo do artigo citado. No entanto, não é possível ignorar o fato de que a importância dada pelo filósofo para esse caráter simbólico chama atenção, pois o estruturalismo é recorrentemente demarcado como um pensamento sistemático, rígido e com pouco espaço para interpretações. No fim das contas, Deleuze não responde ao questionamento que faz nas primeiras linhas do seu artigo: “Agora, o que é estruturalismo?”, para além disso, ele “reflete sobre o que estruturalismo pode se tornar e quão radical pode ser. O ensaio é, pois, sobre o pós-estruturalismo tanto quanto sobre estruturalismo.” (WILLIAMS, 2012, p. 69).

O conceito de rizoma, apresentado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, exemplifica a transição entre o pensamento estruturalista e o pensamento pós-estruturalista, pois ele põe em questão o modelo sistêmico centralizado ao sugerir a busca por um conhecimento descentralizado, assim, os autores definem rizoma como tendo em si mesmo “formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos.” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 4). Em outras palavras, o rizoma é um modelo epistêmico que busca relacionar os conhecimentos por vias plurais e horizontais, vias essas que podem se conectar através de diversos e aleatórios pontos, podendo, inclusive, romper-se e, por meio das fraturas, criar outras conexões:

Em outros casos, ao contrário, nos apoiaremos diretamente sobre uma linha de fuga que permita explodir os estratos, romper as raízes e operar novas conexões. Há, então, agenciamentos muito diferentes de mapas-decalques, rizomas-raízes, com coeficientes variáveis de

desterritorialização. Existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma. A demarcação não depende aqui de análises teóricas que impliquem universais, mas de uma pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidades. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10)

O pensamento rizomático proposto por Deleuze e Guattari expõe o cerne do aforismo pós-estrutural o qual se resume em: “o interior não é mais confiável, significativo e melhor conhecido do que seus limites ou fronteiras externas” (WILLIAMS, 2012, p. 12), assim, o pós-estruturalismo se apresenta, tal qual o rizoma, como um modelo subversivo, disposto a desestabilizar o limite e o senso da verdade, estando aberto para as mais diversas discussões e conclusões.

Por definição, de acordo com Williams, podemos entender o pós-estruturalismo como

um movimento na filosofia que começou na década de 1960. Ele permanece sendo uma influência não apenas na filosofia, mas também num leque mais amplo de campos temáticos, incluindo literatura, política, arte, críticas culturais, história e sociologia. Essa influência é controversa porque o pós-estruturalismo é visto como uma posição divergente, por exemplo, das ciências e dos valores morais estabelecidos. (WILLIAMS, 2012, p. 11)

Os principais representantes desse movimento são os filósofos Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault e Julia Kristeva. Cada um, em sua respectiva área de estudo, introduziu ao movimento conceitos importantes que se difundiram pelos discursos acadêmicos, sobretudo, aqueles oriundos da ciência humanas. Derrida, por exemplo, cunhou o conceito de desconstrução; Foucault, por sua vez, ocupou-se das genealogias e arqueologias; Kristeva se debruçou na linguagem, cunhando conceitos importantes para o feminismo contemporâneo. Até

mesmo estudiosos estruturalistas migraram para o pós-estruturalismo, a exemplo de Roland Barthes, a fim de deslocar os limites enraizados no centro, rompendo com um âmago limitador e pré-estabelecido. O pós-estruturalismo se torna, então, não a superação do pensamento estruturalista, mas o modelo que compreende que as estruturas só possuem um centro se este for pré-determinado dentro de uma lógica sistemática, do contrário, sem essa determinação prévia, não seria possível definir o centro, logo, elas poderiam se organizar de infinitas formas possíveis, criando e rompendo conexões em várias direções horizontais. Uma noção aproximada do conceito de rizoma.

Apesar de muitas críticas poderem ser feitas ao pensamento pós-estruturalistas, principalmente no que se refere ao fato dele, supostamente, ser “deliberada e indiscutivelmente difícil” (WILLIAMS, 2012, p. 11) e adotar, supostamente, “posições que são marginais, inconsistentes e insustentáveis” (WILLIAMS, 2012, p. 11), tal movimento permitiu uma certa abertura nas discussões sociais que acaloravam o meado do séc. XX, atuando muito além dos debates acadêmicos, mas se tornando também um relevante movimento político em defesa das pautas ditas de esquerda

Um aspecto do pós-estruturalismo é seu poder de resistir e trabalhar contra verdades e oposições estabelecidas. Ele pode ajudar em lutas contra a discriminação em termos de sexo ou gênero, contra inclusões e exclusões com base em raça, experiências prévias, background, classe ou riqueza. Ele alerta contra a violência, às vezes ostensiva, às vezes oculta, de valores estabelecidos como uma moral estabelecida, um cânone artístico ou uma estrutura legal fixada. Cumpre notar que isso não significa que ele os negue; antes, ele trabalha dentro deles pelo melhor.(WILLIAMS, 2012, p. 14)

Desse modo, o pós-estruturalismo influenciou uma série de pensadores dado o seu caráter disruptivo. Ao se opor ao essencialismo, ao binarismo e ao universalismo, o pós-estruturalismo contribuiu para um debate democrático em um contexto em que diversas manifestações sociais buscavam novas perspectivas de diálogo. Uma dessas manifestações que encontrou no pós-estruturalismo um caminho para problematizar opressões naturalizadas foi o movimento feminista.

Na década de 1960, o feminismo passava pela sua segunda onda, reiterando que o pessoal é político, logo, questões concernentes a sexualidade e gênero passaram a ter visibilidade dentro das pautas feministas. Nesse contexto, a desconstrução de Derrida contribuiu para que a lógica binária estabelecida por um modelo patriarcal pudesse ser questionada, dando lugar para uma gama de possibilidades cabíveis à “categoria” mulher. Do mesmo modo, o debate pós-estruturalista alcançou as discussões acadêmica que versavam sobre a condição da mulher e os problemas relativos ao conceito e à atuação de gênero, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma teoria de gênero denominada de teoria queer.

A teoria queer foi resultado dos estudos desenvolvidos a partir dos estudos de gênero e sexualidade desenvolvidos ao longo das décadas de 1960 e 1970. A teoria queer em si data da década de 1990, através dos estudos realizados pela filósofa Teresa de Lauretis, a qual organizou nesse período um workshop na Universidade de Califórnia, em Santa Cruz, com o propósito de pensar “um projeto político crítico, cujo objetivo era desfazer ou resistir à homogeneização cultural e sexual no âmbito acadêmico dos ‘estudos lésbicos e gay’”(LAURETIS, 2021, 168). O termo queer, que empresta o conceito à teoria, é uma palavra de língua inglesa que significa estranho, esquisito, de conduta duvidosa ou questionável, e foi associada à homossexualidade como forma de

estigmatizar as práticas e vivências homossexuais. De acordo com Lauretis,

foi o movimento de libertação gay da década de 1970 que converteu o termo em uma palavra de orgulho e um signo de resistência política. Igualmente aos termos gay e lésbica, queer designou, em primeiro lugar, um protesto social, e somente em segundo lugar uma identidade pessoal. (LAURETIS, 2021, 168)

Desse modo, com o objetivo de pôr em diálogo a ideia de “teoria” e a ideia de “queer”, Lauretis inaugura um trabalho de produção de discurso tendo como mote a criticidade social inerente a essas duas ideias. Embora a intenção da filósofa tenha sido relacionar as práticas teóricas com as práticas políticas, a fim de pensar as políticas da sexualidade, o resultado advindo desse campo de estudo não foi exatamente esse, uma vez que as políticas de gênero substituíram as políticas sexuais: “a política da sexualidade passou a ser uma política de identidades de gênero: os termos que surgiram em relação às práticas de disputa, *desconstrução* ou *ressignificação* de gênero colocam o gênero como a medida da identidade da pessoa” (LAURETIS, 2021, 169, grifos meus).

É mediante esse percurso que a teoria queer, no âmbito acadêmico, debruça-se sobre os estudos que envolvem a tríade gênero, sexo e sexualidade por diversas perspectivas. A crítica feminista, por sua vez, também contribuiu para os debates promovidos pela teoria queer, ofertando material teórico para que esta reorganize os padrões binários que cerceiam as questões relacionadas aos seus objetos de estudo. Ainda que em 2014, Teresa de Lauretis tenha exprimido o desejo de que a teoria queer encontrasse tradutores que pudessem fortalecer a política queer, migrando da abstração para a ação concreta, como se estes ainda não existissem, na bibliografia da teoria encontramos nomes

como o de Michel Foucault, Donna Haraway e, sobretudo, de Judith Butler, a qual se tornou a grande responsável por difundir e popularizar os conceitos e problemáticas da teoria queer.

Judith Butler é uma filósofa estadunidense que ficou conhecida pelas suas produções tematizadas pelas questões de gênero. Seu livro *Problemas de gênero* foi muito lido e debatido por pesquisadoras de diversas origens que abordavam os feminismos, gênero e sexualidade, tornando-se um dos principais referenciais teóricos acerca destas temáticas. Nesse ínterim, as discussões que fundamentam esse livro, publicado originalmente em 1990, voltam a ser discutidas nos livros *Corpos que importam*, 1993, em que a autora nos propõe uma reflexão acerca da materialidade do corpo; *Discurso de ódio*, 1997, em que a autora retoma o conceito de performatividade para discutir e analisar discursos de ódio proferidos contra minorias; *Corpos em aliança e a política das ruas*, 2015, em que novamente a performatividade é utilizada para se pensar o corpo enquanto um lugar político; bem como na coletânea *Debates Feministas* (1995), em que juntamente com outras estudiosas Butler apresenta críticas e contribuições acerca da teoria feminista. Ao longo desses estudos desenvolvidos por Butler, nota-se que a autora retoma alguns pontos antes debatidos, ora para reafirmá-los, ora para rediscuti-los.

Butler é uma filósofa que tem como base da sua formação teórica filósofos como Hegel, Michel Foucault, Jacques Derrida, bem como o psicanalista Jacques Lacan. No cerne da sua produção teórica, Butler consegue relacionar o que para alguns estudiosos parece impossível ao pôr em diálogo os conceitos de Hegel e os de Foucault refletindo sobre como ambos constroem, cada qual a seu modo, a crítica ao sujeito e, a partir disso, fundamentando a sua própria concepção crítica. Entre uma abordagem e outra, Butler construiu um amplo arcabouço teórico que nos permite identificá-la como pós-estruturalista, uma vez

que a sua crítica ao sujeito está frequentemente situada no campo da diferença, fazendo referência ao *différance*, de Derrida, o qual se utiliza desse termo para propor uma discussão acerca da desconstrução do logocentrismo.

Sobre seu viés pós-estruturalista, Butler reserva uma parte do capítulo 2 do seu livro *Problemas de gênero* para discutir os problemas do estruturalismo para a concepção de gênero. No capítulo intitulado de *Proibição, psicanálise e a produção da matriz heterossexual*, no subtópico *A permuta crítica do estruturalismo*, a filósofa expõe como a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss apresenta uma problemática na relação enfática que o antropólogo faz entre natureza e cultura:

A antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, inclusive a problemática distinção natureza/cultura, foi apropriada por algumas teóricas feministas para dar suporte e elucidar a distinção sexo/gênero: a suposição de haver um feminino natural ou biológico, subseqüentemente transformado numa “mulher” socialmente subordinada, com a consequência de que o “sexo” está para a natureza ou a “matéria-prima” assim como o gênero está para a cultura ou o “fabricado”. Se a perspectiva de Lévi-Strauss fosse verdadeira, seria possível mapear a transformação do sexo em gênero, localizando o mecanismo cultural estável — as regras de intercâmbio do parentesco — que efetua essa transformação de modo regular. Nessa visão, o “sexo” vem antes da lei, no sentido de ser cultural e politicamente indeterminado, constituindo, por assim dizer, a “matéria-prima” cultural que só começa a gerar significação por meio de e após sua sujeição às regras de parentesco. (BUTLER, 2018, p. 74)

Com efeito, Butler determina que o estruturalismo não considera a pluralidade de configurações possíveis aos termos natureza e cultura, essa falha induziu muitas estudiosas feministas a transpor tais correlações binárias ao estudo do gênero e sexo,

ignorando, inclusive, um aspecto fundamental, de acordo com Butler: a linguagem. Para Butler, o gênero e o sexo, podendo incluir também a sexualidade, são corpus discursivos que se materializam através da linguagem, assim, é imprescindível para as teorias de gênero que a linguagem seja percebida em sua multiplicidade, no modo como sua pluralidade gera performances. Desse modo, para Butler, a ruptura com o estruturalismo era necessária:

A ruptura pós-estruturalista com Saussure e com as estruturas identitárias de troca encontradas em Lévi-Strauss refuta as afirmações de totalidade e universalidade, bem como a presunção de oposições estruturais binárias a operarem implicitamente no sentido de subjugar a ambiguidade e abertura insistentes da significação linguística e cultural. Como resultado, a discrepância entre significante e significado torna-se a *différance* operativa e ilimitada de linguagem, transformando toda referência em deslocamento potencialmente ilimitado. (BUTLER, 2018, 79)

É nesse percurso que Butler será nomeada a principal teórica do “feminismo pós-estruturalista”, que ponho entre aspas por não ser um termo que represente uma corrente de pensamento filosófico, mas sim, um termo pouco difundido que visa apenas situar teorias que associam os conceitos pós-estruturalistas ao feminismo. E mais, é nesse contexto que Butler se tornará a principal representante da teoria queer.

A teoria queer, como supracitado, não foi idealizada pelos conceitos de Judith Butler, todavia, a sua popularização se deve à publicação do livro *Problemas de gênero*, publicado no mesmo ano em que Teresa de Lauretis organizava seu workshop. O termo *queer*, aliás, aparece apenas uma vez ao longo das quase 300 páginas do livro, sendo utilizado pela filósofa em seu sentido já ressignificado. O fato é que, nesse livro, Butler se empenha para subverter as ideologias por trás das noções de gênero, sexo e

sexualidade, entendendo o sexo como uma categoria social construída culturalmente, gênero como uma performatividade também culturalmente construída e sexualidade como prática de desejo submetidas a determinismos culturais. A partir desse entendimento, Butler busca apontar as contradições e incoerências contidas nos arranjos sociais a fim de explicitar que tudo aquilo que é construído, o é levando em consideração aspectos culturais, logo, pode ser desconstruído e ressignificado.

Portanto, a trajetória teórica de Butler, ao se propor discutir a heterossexualidade compulsória, as infinitas possibilidades de performatividade de gênero, as intersexualidades e outras questões relacionadas, possibilitou a reverberação da percepção de que nenhuma identidade, seja ela de gênero ou sexual, deveria ser entendida como uma falha ou desvio de qualquer norma inteligível, ao contrário, o que deveria ser questionado é o modo como sistemas binários intencionam dar conta de vivências complexas. Nesse viés, a teoria queer se manifesta como sendo um conjunto de estudos e ações que busca dar conta dessas vivências complexas, por caminhos diversos, incluindo o caminho da experiência, a qual vem sendo um método de produção teórica constantemente associado aos modelos epistêmicos pós-estruturalistas de produção.

A exemplo disso, cito o filósofo Paul Preciado, o qual mantém um diálogo muito próximo com os estudos de Butler, bem como é reconhecido como um dos nomes da teoria queer. Preciado é um filósofo espanhol inclinado a teorias pós-estruturalistas, com pensamentos que buscam colocar em debate novas formas de refletir sobre as políticas do corpo, de gênero e de sexualidade. Em sua bibliografia, o filósofo reúne cinco livros, a saber: *Manifesto contrassexual*, 2002; *Testo junkie*, 2008; *Pornotopia*, 2010; *Um apartamento em Urano*, 2019; e *Eu sou o monstro que vos fala*, 2020. As suas produções apresentam

idiossincrasias curiosas de serem observadas, uma vez que ao mesmo tempo em que ele demonstra ter domínio de teorias que vão da filosofia à física, ele busca se afastar do academicismo, levando para o debate suas experiências pessoais como um homem transexual não binário. Nesse ínterim, é impossível não observar a carga autobiográfica que o autor emprega em sua escrita, revelando como, a partir de um embasamento teórico, ele constrói uma narrativa de si.

Em *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidades sexual*, Paul Preciado propõe uma contrassexualidade, ou seja, um modelo sexual que esteja à parte do ato sexual automatizado, aquele que representa de forma binária como o sexo deve ser e qual é o seu sentido e objetivo, esteja ele inserido em uma prática heterossexual ou homossexual. Para ele, dentro desse contexto, através das manifestações das práticas sexuais, as pessoas podem ser separadas em dois grupos: realistas e contrassexuais:

[...] podemos dizer que existem dois tipos de agentes sexuais: aqueles para os quais o objeto da atividade sexual é a repetição da partitura de sua identidade sexual (masculina ou feminina, heterossexual ou homossexual), segundo determinada definição das funções apropriadas dos órgãos e dos corpos (ereção, ejaculação, reprodução, orgasmo etc.), e aqueles para quais o órgão (biológico ou sintético, vivo ou incorporado tecnossemiticamente) é apenas a interface por meio da qual acessam certas formas de prazer, ou afetos que não podem ser representados por diferença sexual, gênero ou identidade sexual. (PRECIADO, 2022, p. 19)

Para Preciado, a contrassexualidade expressa a possível existência de um sujeito pós-gênero e pós-sexual, para os quais a diferença sexual, o gênero ou a identidade não se apresentam como algo fixo e delimitado. Isso nos adverte para um sistema sexual subversivo, cujo objetivo não é apresentar outras formas

de identidades sexuais, ou entender o prazer físico como o único fim, mas sim as possibilidades de experimentação e de liberdades dos corpos e dos afetos.

O grande protagonista do seu estudo acerca da contrassexualidade é o dildo, a quem ele chama de pós-naturalista, pós-construtivista e pós-identitarista (PRECIADO, 2022, p. 18). Para Preciado, o dildo representa a materialidade do sexo e é o principal indicador da sua plasticidade, o dildo, dessa forma, está entre o pênis e o falo, mas sem ser nem um, nem outro, uma vez que o pênis é um órgão vivo, e o falo, de acordo com Preciado, não existe. Dessa forma, Preciado compreende o dildo como um subversor dentro da esfera sexual, visto que ele é o indicativo de que a nossa comum interpretação dada aos órgãos sexuais pode ser circunscrita: “Se o dildo é disruptivo, não é porque permite à lésbica entrar no paraíso do falo, mas porque mostra que a masculinidade está, tanto quanto a feminilidade, sujeita a tecnologias sociais e políticas de construção e de controle.” (PRECIADO, 2022, p. 84).

Para a construção do seu manifesto, Preciado elucida, inicialmente, que não se trata de um texto com intenções acadêmicas, mas sim, de um texto pautado no exercício da experiência: “Este livro não foi escrito como um texto de estudo acadêmico. Foi uma experiência. Funcionou como uma técnica ficcional que me permitiu iniciar um processo de devir-outro ainda em curso.” (PRECIADO, 2022, p. 10), mais adiante, ele reitera:

Ao escrever este texto, eu quis evitar o caráter fechado do discurso acadêmico, embora empregando ainda algumas de suas ferramentas críticas para entender o que fora excluído dele. O discurso acadêmico e sua gramática não só parecem uma floresta que não nos permite ver as árvores individuais, mas vai além, obrigando o pesquisador a cortar as árvores para entender a floresta. (PRECIADO, 2022, p. 12)

Todavia, embora sem o ensejo de academicizar a sua escrita, o filósofo se apropria de conhecimentos acadêmicos a fim de desconstruir conceitos e redefini-los sob novas óticas. Dessa maneira, Preciado percorre o trajeto dos estudos da psicologia, através da negação de alguns preceitos freudianos, e dos estudos desenvolvidos por Lacan, bem como produz uma reflexão filosófica por meio das teorias de Judith Butler, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, não se afastando das possibilidades contidas nas artes. Preciado descreve seu manifesto como

[...] o dadaísmo aplicado à sexualidade, o feminismo conceitual aplicado à minimização da diferença de gênero e genitália, a pedagogia radical aplicada à desaprendizagem das disciplinas de identidade sexual e de gênero. Aqui, a arte performática e a teoria pós-estrutural devem ser entendidas como dildos, aparatos culturais de produção de afeto e imaginação que o texto utiliza para remover o realismo anatômico de sua posição central. (PRECIADO, 2022, p. 27)

Nessa perspectiva, percebe-se como as teorias pós-estruturalista e a teoria queer influenciam diretamente a escrita insurgente de Preciado, uma escrita que não abandona a teoria, cedendo a esta um espaço relevante e significativo para o debate da contrassexualidade, ao passo que não extingue a experiência, considerando que a vivência pode suprir lacunas deixadas pelas teorias. Em uma percepção bem pós-estrutural, Preciado compartilha com os filósofos e estudiosos dessa corrente de pensamento muitos termos em comum, tais quais os iniciados pelo prefixo “pós”, a saber: pós-naturalista, pós-construtivista, pós-identitarista, pós-gênero, pós-sexual, pós-feminismo, pós-humano, por exemplo. Nesse ínterim, questões concernentes à temporalidade são evidenciadas, uma vez que tal prefixo pode indicar aquilo que vem em seguida, ou aquilo que supera algo, nesse âmbito, podemos notar o modo como Preciado propõe algo que ainda está por vir, uma revolução que visa “desenhar uma

porta na parede da opressão sexual e de gênero e escapar por ela” (PRECIADO, 2022, p. 27).

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*. In: *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006, pp. 221-247.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Introdução: rizoma*. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FIORIN, José Luiz. *Por que ainda ler Saussure?*. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 7-20.

LAURETIS, Teresa. *Gênero e teoria queer*. In: *Revista de história*. Vol. 13, nº 26. Jul. de 2021.

LEVI-STRAUSS. *Linguística e antropologia*. In: *Antropologia estrutural*. V1. São Paulo: Cosac Naif, 2008. pp 79-92.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Tradução de Caio Liudvig. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.